

Publication de la
Ligue Portugaise de
L'Enseignement et de
La Culture Populaire

Redaction et Administration
3, rue Recamier - Paris 7

jornal do Emigrante

MENSAL
Nº 8
ABRIL
1971
Preço 1 F

A Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular: um meio de trabalho

Que queremos ? Como ? Que vamos fazer ? Três perguntas a que procuraremos responder. A Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular, é uma associação legal que visa uma acção cultural e social junto da emigração portuguesa. Constitui, pois, um meio de trabalho : se pela libertação das massas populares, se pela continuação da escravatura económica, social e política em que se encontram hoje - isso depende das respostas que se derem ás três perguntas acima feitas.

DUAS LISTAS, DUAS CONCEPÇÕES, DOIS MÉTODOS

Nas últimas eleições para a Direcção da Liga Portuguesa apareceram duas listas de candidatos. Ambas apresentando o seu desejo de contribuir para a libertação das massas populares. Porém, com ideias sobre a acção a realizar, sobre o papel dos trabalhadores na acção e sobre a forma e os métodos a seguir, completamente diferentes.

Uma das listas considerava-se na posse de todas as ideias correctas. Para ela, a sua missão consistia em ir ensinar aos trabalhadores o que têm a fazer. Não propor-lhes ideias e deixar aos trabalhadores a decisão sobre o que querem e como querem. Não estimular esse espírito de intervenção dos trabalhadores e das massas. Mas sim pôr os trabalhadores e as massas na posição de seguirem passivamente o que certas pessoas, chamadas dirigentes, consideram ser os interesses dos trabalhadores e o caminho que devem seguir.

A outra lista apresentava-se com as suas convicções, também com as suas ideias sobre os verdadeiros interesses dos trabalhadores e o caminho que devem tomar para a resolução dos seus problemas, quer imediatos, quer futuros. Porém, entregando às massas a decisão. E não só a decisão, também a descoberta do que efectivamente constitui os seus interesses autênticos e o seu caminho.

Uma das listas apresentava-se com o seu esquema de trabalho já completamente elaborado.

A outra limitava-se a dar indicações sobre o que lhe parecia mais urgente e possível fazer no imediato. Mas, sobretudo, defendia a ideia de que o programa de trabalho a realizar deveria ser o resultado das sugestões e discussões a fazer, assim como das pessoas que se oferecessem para colaborar.

Uma das listas opunha-se à colaboração de todos. Excluía particularmente dessa colaboração certas que, no seu entender e só no seu entender, eram contra os trabalhadores e as massas. E concluía que eram contra os trabalhadores e as massas porque divergiam dos seus pontos de vista. Não se

CONTINUA NA PÁGINA 6

do, explodiram duas bombas em dois barcos que habitualmente transportam tropas para as colónias : o "CUNENE" e o "VERA CRUZ". Os barcos, que estavam atracados no cais, ficaram bastante estragados.

Um mês depois, em Novembro, uma bomba atingiu a EMBAIXADA AMERICANA, outra a ESCOLA DA PIDE e outra destruiu mercadorias que se destinavam às colónias.

R. R.

Editorial AS PASSEATAS DO PATRÍCIO

O Rui Patrício, ministro dos Negócios Estrangeiros, esteve em França. Os jornais falaram mas não disseram grande coisa. Ora o sr. Patrício veio negociar com os governantes franceses para limitar a emigração.

Em 1969 vieram 80.829 Portugueses para França, dos quais 76.930 clandestinamente, quer dizer, que saíram 224 Portugueses por dia só para França. Em 1970, segundo números oficiais, vieram para França perto de 150.000 Portugueses. Todos sabemos que uma grande parte dos clandestinos são jovens que vêm para França para não fazerem a guerra nas colónias. É CLARO QUE O GOVERNO MARCELISTA COMEÇA A PREOCUPAR-SE COM ISTO E EM CONSEQUÊNCIA PROCURA ARRANJAR MEDIDAS REPRESSIVAS. Como não é capaz de resolver os problemas, procura intimidar e lançar boatos dizendo que os Portugueses vão ser expulsos de França.

Isto é mentira !

Os trabalhadores estrangeiros são fundamentais para a economia francesa e, segundo a lei francesa, todo o estrangeiro com a situação regularizada só será expulso se "perturbar a ordem pública".

O que agora os dois governos preparam é um acordo para limitar a emigração. Segundo algumas informações colhidas nos serviços sociais franceses, consta-se que so serão admitidos cerca de 65.000 Portugueses por ano. Outro objectivo é de impedir que a emigração clandestina continue.

Para isso, prevê-se que os dois governos assinem um acordo em que os clandestinos não serão aceites. Mas, como dissemos, tudo isto são informações não confirmadas e que se encontram ainda em estudo.

Podemos confirmar, no entanto, que os boatos que correm sobre a expulsão dos Portugueses que desertam ou não fizeram a tropa, são falsos.

E o próprio Consulado que paga a esbirros para lançarem estas mentiras. E quanto a isso, cabe a nós todos de informar os compatriotas que conhecermos sobre e falsidade destas notícias.

J.B.

ASSEMBLEIA GERAL DA LIGA PORTUGUESA
DO ENSINO E DA CULTURA POPULAR

No dia 31 de Janeiro de 1971 reuniu-se a Assembleia Geral da Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular, com o fim de eleger os corpos gerentes para o ano de 1971.

Foram eleitos para os corpos directivos:

Assembleia Geral:
Presidente - Alexandre de Vasconcelos
1º vogal - Ana Maria Silva
2º vogal - António Manuel Anica

Direcção:
Presidente - Manuel de Carvalho
Tesoureiro - J. M. Esperto
Secretário - Alvaro Silva
Vogal - Victor Lopes
Vogal - J. A. Silva Marques

TANCOS: AVIÕES DESTRUÍDOS

Dia 8 deste mês, explodiu uma bomba na BASE MILITAR DE TANCOS. A bomba destruiu completamente ou pôs fora de combate 11 aparelhos de aviação. Não causou quaisquer vítimas.

A base de Tancos, é uma das escolas onde são treinados pilotos e aviões destinados à guerra em África.

Os aparelhos militares eram HELICÓPTEROS de fabricação francesa e AVIÕES de origem alemã, iguais aos que são utilizados na guerra colonial em África.

A acção foi levada, por uma organização chamada Acção Revolucionária Armada e contra a política colonial do governo de Marcela Caetano.

O governo, só passadas 16 horas é que deixou os jornais falarem no assunto.

Outras acções têm já sido feitas contra a guerra. Em fins de Outubro do ano passa-



**SOLDADOS...
GUERRA
COLONIAL...**

**AO SERVIÇO
DE QUÊ
E
DE QUEM ?**

A GUERRA DO VIETNAME continua porquê?

O Vietname é um pequeno país da Ásia. Em 1954, quando este país se libertou do domínio colonial francês, um acordo internacional impôs a divisão do país em dois territórios.

Ao Norte dessa fronteira, o exército popular que lutara contra os Franceses criou a REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO VIETNAME, mais conhecida por Vietname do Norte. Aqui existe um governo popular e o poder está nas mãos dos trabalhadores.

No Sul, ficou estabelecido que daí a 2 anos, em 1956, se fariam eleições livres. Mas os Americanos, que tinham lá interesses, não o permitiram. O Vietname do Sul tem estado sujeito a governos anti-populares, apoiados e pagos pelos Americanos.

PORQUE SE LUTA ENTÃO NO VIETNAME ?

Porque a população do Sul, que já lutara contra os Franceses, não queria agora suportar novos senhores, os Americanos. O povo do Vietname do Sul organiza-se numa FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (FLN).

Os Americanos contratam, mandando grande número de tropas e bombardeando as colheitas, as casas e a população vietnamita.

Como já disse um jornalista, os Americanos têm atacado a torto e a direito "TUDO O QUE VIVIA, TUDO O QUE MEXIA, TUDO O QUE CRESCIA OU TINHA SIDO CRIADO PELA MÃO DO HOMEN".

DEFENDEM A PAZ OU DEFENDEM A GUERRA ?

Os Americanos dizem que estão no Vietname para defender a paz e para ajudar os Vietnamitas. Isto não passa duma máscara. Vamos a ver porquê.

Só ano de 1966, foram lançadas sobre o Vietname 638 MIL toneladas de bombas. Muitas dessas bombas eram e são de NA-PALM que é um produto que arde a mais de 3 mil graus, ou seja 30 vezes a temperatura da água a ferver, e não ha nada que possa apagá-lo.

Em 1964, as vítimas da guerra eram já de 2 MILHÕES de pessoas, das quais 70 mil mortos.

8 milhões de pessoas, mais de metade da população, estão fechadas em ALDEIAS ESTRATÉGICAS, que são verdadeiros campos de concentração nazis.

12 mil crianças estão dispersas em orfanatos e devido à guerra muitas delas sofrem de doenças mentais.

Um soldado americano chegou a dizer que para muitos oficiais "OS UNICOS VIETNAMITAS BONS ERAM OS VIETNAMITAS MORTOS".

GUERRA À GUERRA

Os Estados Unidos são um país rico, mas rico à custa dos outros países, como o Vietname, o Camboja, o Laos, ou os países também explorados da América Latina e da África.

Os únicos que defendem o Vietname, são os Vietnamita em luta.

Os Americanos já sofreram muitos milhares de mortos e muito do seu material militar foi destruído.

Um povo inteiro luta contra um gigante que invadiu o seu território e passo a passo vai-o derrotando. É que o gigante tem pés de barro.

Para que o Vietname tenha independência e paz, precisa fazer a guerra ao invasor e pô-lo de lá para fora.



Os gigantes também caem

Ultimamente, os Estados Unidos invadiram também o Camboja e o Laos, países vizinhos do Vietname. Mandaram para lá tropas e colocaram no poder governos que oprimem os povos desses países. No próximo "JORNAL DO EMIGRANTE" falaremos das lutas destes povos.

A guerra no Vietname, no Camboja e no Laos continua. Só terminará quando aqueles povos se virem livres daqueles que exploram.

A. B.

Comuna operária de Paris ★ 1871

Comemora-se este ano, o centenário da insurreição da Comuna. Em 1871, os operários parisienses ficam inteiramente donos da cidade por vários meses.

Por ser a primeira vez na história, que o operariado conquista o poder e se toma dono de si próprio, é uma data festejada pelos operários de todo o mundo.

Em 18 de Março de 1871, o mundo ia mudar de face.

A REVOLTA POPULAR

Em fins de 1870, a França declarava guerra à Prússia. O governo francês, vencido, assina a paz. Os trabalhadores, mobilizados em grande número por causa da guerra, conservam na mesma as suas armas.

O governo burguês então no poder, muda-se para o palácio de Versalhes, nos arredores de Paris, e procura desarmar os trabalhadores.

Porém, a guarda nacional, constituída quase toda por operários feitos soldados à pressa, revolta-se. A ela junta-se todo o operariado parisiense e a insurreição popular estende-se pela capital. ISTO ACONTECE A 18 DE MARÇO DE 1871.

Está declarada a guerra entre os operários de Paris e o governo burguês instalado em Versalhes. A guerra civil começa.

É também a partir de agora que começa a história da Comuna e dos trabalhadores que por ela lutaram e por ela morreram.

26 DE MARÇO DE 1871

A guarda nacional que tinha durante, este tempo, tomado conta do poder, entrega-o a um Comité de Salvação Pública, eleito pelos trabalhadores.

28 DE MARÇO

É proclamada a Comuna, o primeiro governo operário da história.

30 DE MARÇO

A Comuna decreta o fim do exército permanente e profissional. É criada uma força armada popular ou seja uma milícia composta pelos operários em armas.

Neste mesmo dia proclama-se o direito de todos os operários estrangeiros a fazerem parte da Comuna.

1 DE ABRIL

Estabelece-se que nenhum funcionário do governo da Comuna poderá ter um salário superior ao salário máximo do operariado.

2 DE ABRIL

A igreja é separada do Estado. As escolas deixam de ser dominadas pelos padres e passam a ser escolas públicas. Perante os interesses do Estado, interesses de todos os cidadãos, os interesses religiosos não passam dos interesses de alguns, sendo considerados interesses privados. Acabam as despesas com os cultos religiosos, e os bens da Igreja são transformados em bens públicos.

6 DE ABRIL

O povo de Paris queima numa praça a guilhotina.

16 DE ABRIL

Estabelece-se que as fábricas e oficinas passarão a ser dirigidas pelos próprios operários.

20 DE ABRIL

São abolidos os "bureaux de emboche", dirigidos por indivíduos que vigiarizavam os operários e por pessoas escolhidas pela antiga polícia.

30 DE ABRIL

São proibidas as casas de leilão e consideradas não como uma forma de ajuda aos operários mas como uma forma de roubá-los ainda mais.

Entretanto o governo instalado em Versalhes já tinha começado a atacar o operariado de Paris e a bombardear a cidade.

É grande o ódio que sente esse governo à Comuna e ao que ela representa: o Povo de cabeça erguida.

O governo de Versalhes pede a libertação das tropas ainda em poder da Prússia.

CONTINUA NA PÁGINA 9

História de Portugal

Na escola primária, para aqueles que tiveram a sorte de chegar até à 4ª classe, obrigaram-nos a decorar um grande número de nomes de reis e de rainhas, bispos e generais, e chamavam a isso a História de Portugal. Até nos disseram que era a História mais gloriosa do mundo! Mas, caso interessante, nessa História nunca se fala do Povo. Quando se pergunta: quem ganhou a batalha de Aljubarrota, logo nos dizem que foi Nuno Álvares Pereira; que quem descobriu o Caminho Marítimo para a Índia foi Vasco da Gama, e por aí a diante é um desfile sem conta de senhores e senhoras "importantes" de quem temos de decorar os nomes, para os recitarmos, pelo menos, no dia do exame.

O VERDADEIRO HERÓI DE TODAS AS HISTÓRIAS

Entretanto, se pensarmos um pouco, parecer-nos-á bem estranho que esses homens tivessem assim tanto poder que fossem capazes de fazer tudo sozinhos. E depois, caso interessante, eles nunca morriam nesses "grandes empreendimentos". Mas havia quem morresse: houve centenas e até milhares de homens que lá ficaram em Aljubarrota; e quem trabalhava sobre os navios, quem enfrentava as tempestades também não era o senhor Vasco da Gama, bem refastelado lá no seu posto de comandante. E quem cultivava as terras, erguia as casas e os palácios, fabricava os tecidos, vestuários, armava os navios, também não eram os tais "senhores ilustres" que até ficaram na História. ONTEM COMO HOJE, O VERDADEIRO, O ÚNICO HERÓI DE TODAS AS HISTÓRIAS É O POVO.

Mas então porque é que a História nunca nos conta as façanhas do Povo, e mascara sempre todos os acontecimentos com o nome dum senhor qualquer, que na maior parte dos casos até nele nem participou?

DIZ-ME QUEM LOUVAS DIR-TE-EI QUEM ÉS.

A resposta é simples:

É porque quem escreve a História nos países como o nosso são os continuadores e amigos dos tais senhores. Ontem chamavam-se nobres ou senhores feudais (condes, reis, princesas etc), hoje chamam-se burgueses ou capitalistas (os patrões, presidentes do conselho ou das câmaras, generais, senhores doutores etc). E eles, como é natural, fazem a História como melhor lhes convém. E também como tanto ontem como hoje esses senhores viveram sempre à custa dos trabalhadores, convém-lhes dizer que foram sempre eles que fizeram tudo, para que o povo não tome consciência da sua importância, e um dia resolva atirar para o caixote do lixo com todos esses parasitas.

A HISTÓRIA DO POVO PORTUGUÊS

Nós, partindo do que acabamos de dizer, e que aliás é mais claro do que a água, vamos tentar repor a verdade no seu lugar. Mas para isso, é necessário que todos colaborem. Nem val apenas acrescentar que não precisamos da colaboração dos tais "senhores ilustres"; eles com toda a certeza não estão interessados. Mas achamos, porque a História tem sido feita por cada um de nós, que todos os trabalhadores devem colaborar. Cada um de nós já viveu, viu, ou estudou algo que tem com certeza interesse para a nossa História. Todos os assuntos podem ser tratados - TODOS. Nós iremos publi-

NOTÍCIAS VA'RIAS

PROVOCAÇÃO POLICIAL

Na passada sexta-feira, dia 19, ocorreu mais um aniversário natalício do Pároco da Baixa da Banheira. Fazia 42 anos e um grupo de paroquianos amigos na maioria cristãos ligados a movimentos paroquiais, associou-se ao seu aniversário.

Foi celebrada missa às 18 e 30, estando presentes largas dezenas de pessoas. Pelas 21 horas cerca de quatro dezenas de paroquianos tomaram parte num convívio fraternal no salão da igreja paroquial, onde foi servida uma refeição, comungando todos dos mesmos sentimentos de alegria e de congratulação em volta do Pároco. Reinou o mais alegre e são ambiente de amizade e alguns curistas cantaram cânticos próprios do Movimento dos cursos de cristandade; em suma, alegria e fraternidade. Quando cerca das 23 horas se dispuseram a deixar o salão para se dirigirem a suas casas, depararam com um acolhimento insólito e inesperado: a igreja estava cercada de algumas dezenas de elementos da G.N.R. comandados pelo Sr. Tenente do Barreiro e Sargento comandante de Posto local, que armados em verdadeira polícia de choque barraram a descida dos degraus da nossa igreja numa manifestação provocante de força; exigiam a identificação de toda a gente e foi dito ao Pároco que se prestasse para declarações dia seguinte.

Pergunta-se: já os cristãos não se podem reunir nas suas igrejas ou anexos, na tranquilidade de espírito festejando os anos do seu Pároco?

Já não é possível fazer a mais ordeira e fraternal reunião sem se ser incomodado pela força da ordem?

Para onde caminhamos nós?

(da "FOLHA PAROQUIAL" da Baixa da Banheira, de 21/2/71).

PÉ-DE-MEIA NA VELHICE

Sem direito à reforma nem a quaisquer regalias da previdência social, e sem cultura que permita um discernimento perfeito, muitos dos nossos rurais passam a vida a pensar na morte e na triste figura que fariam se lhes faltasse, na velhice, o dinheiro para o enterro. Os hábitos de economia assim gerados levam a descuidar a própria doença e a abreviar afinal, a chegada do cangalheiro que tanto pareciam recear.

cando no jornal todas as contribuições que nos cheguem. Nada será excluído que possa ter interesse para a História do Povo Português.

A TÍTULO DE EXEMPLO

Para começarmos, e apenas a título de exemplo, o que não quer dizer que não se possam tratar outros assuntos, lembramos que no dia 18 do mês passado fez 37 anos que o Povo português viveu um dos grandes momentos da sua história contemporânea. Com efeito, o 18 de Janeiro de 1934, data que os tais senhores ilustres e seus comparsas tanto procuram fazer esquecer, será comemorado cada vez com mais ardor como um grande dia de luta donde se poderão tirar riquíssimos ensinamentos.

QUE SABES SOBRE O 18 DE JANEIRO DE 1934?

ESPERAMOS RECEBER MUITAS CARTAS, E SOBRETUDO O TESTEMUNHO PESSOAL DAQUELES QUE VIVERAM ESSES MOMENTOS DE LUTA.

PEDRO

AINDA TINHAM DE PAGAR

Uma família de 6 pessoas - incluindo duas crianças de poucos anos e uma sexagenária paralítica - encontra-se desde ontem sem abrigo, por ter sido demolida a humilde barraca em que vivia há oito meses, no bairro da Musgueira.

Tudo se passou em menos de vinte e quatro horas, pois foi cerca das 21 de quinta-feira que uma brigada da Polícia Municipal, chefiada pelo sr. José Francisco, se apresentou na barraca número 15 da rua J. na Musgueira Norte, a intimar o locatário, o servente de pedreiro sr. Joaquim José Martins, de 35 anos, natural de Lamego, a demolir até às 10 horas de ontem o amontoado de tábuas que lhe servia de habitação.

Expirado este prazo, de novo ali compareceram os agentes; e, como a ordem não tivesse sido acatada, num quarto de hora procederam à demolição não tendo, porém levado consigo as tábuas e as telhas por, entretanto se haverem juntado, no local, muitos dos moradores das 400 barracas da zona. Ficaram assim sem abrigo, além do sr. Joaquim Martins, sua mulher sra. Ana de Jesus da Fonseca Martins, de 30 anos, natural de Viseu; os filhos do casal, António de Jesus de 9, e Maria de Lurdes, de 2, e ainda os pais do primeiro, sr. António Martins, de 62, e sra. Maria José Pereira Martins, também de 62 e paralítica.

Ao dirigir-se à esquadra da área, a solicitar que um agente da P.S.P. ficasse de guarda aos seus haveres, até se regularizar a situação o sr. Joaquim Martins ficou a saber que teria de lhe pagar 15 escudos por hora, o que, naturalmente, está acima dos seus recursos.

(do Jornal "O SÉCULO", de 20/2/71)

Foi assim que sucedeu à senhora Clementina Dias Matias, viúva, residente no lugar de Ramalheira, concelho de Soure, onde agora faleceu em casa de um filho único e abastado(..)

A confirmação chegou, agora, com a morte da pobre senhora que, ao ser amortalhada, não pôde esconder mais o segredo do seu cofre que foi encontrado preso a próprio cadáver. Nele se continham nada menos do que 80 contos, em notas quase desfeitas e impregnadas de suor.

(do Jornal "O SÉCULO", de 19/2/71)

Porto Salvo: as crianças e a fome



Na lareira são despejadas, quase diariamente, por uma fábrica de sumos e conservas de frutas, grandes quantidades de cascas e outros detritos, de mistura com laranjas, decerto consideradas inaproprias para os produtos preparados por aquela unidade fabril, que a paratada ao sítio não deixa de escolher e comer, com todos os perigos que não é difícil adivinhar.

"QUEREMOS FICAR EM MASSY..."

DIZEM OS PORTUGUESES QUE HABITAM NO BIDONVILLE

PÁGINA DO

São quarenta famílias e cerca de 60 portugueses que vivem sózinhos, tudo o que resta do bidonville de Massy.

Já em Novembro de 1969, o bidonville tinha dado que falar. Um certo sr. Jullien, do serviço de mão-de-obra da mairie, fazia o que queria dos portugueses. Explorava-os, fazia-os pagar a água e metia o dinheiro ao bolso, tinha estado nas férias em Portugal e tinha trazido conservas portuguesas para vender, acusou dois portugueses à polícia, mandava deitar as barracas abaixo quando não lhes agravada a cara deste ou daquele português, era um pequeno "rei sem coroa".

Mas o escândalo já já tão longe que a Mairie viu-se obrigada a expulsar o pequeno ditador. Um dia, os portugueses foram-se queixar à Câmara, um conselheiro municipal foi ao bidonville e encontrou o sr. Jullien escondido debaixo da cama duma portuguesa.

Foi-se o Jullien e logo apareceu um substituto, é o sr. Foin, ajudado pelo sr. Manicou. Agora são os dois que "governam" no bidonville.

Acontece que em Junho de 1970, o conselho municipal votou créditos para alojamentos para os portugueses, e no boletim da mairie veio uma notícia que dizia o seguinte :

"... 100 alojamentos serão postos à disposição das famílias dos trabalhadores portugueses, a título dum programa particular. O conselho aceitou esta proposição". Informations Municipales de Massy, nº 41 - nov. 70.

Mas os portugueses não lêem o boletim porque a Câmara só o distribui àqueles que vivem em casas.

"EXPULSOS" DE MASSY ...

Por isso, os serviços dos srs. Foin e Manicou começaram a dizer aos portugueses que o bidonville tinha de acabar e que eles iam ser alojados. No princípio com cartas individuais, mais tarde com pressões de toda a ordem, os portugueses foram intimidados e quase obrigados a assinar contratos e partir para Grigny e St. Geneviève de Bois.

Se alguns foram com o seu acordo, uma boa parte aceitaram por imposição.

E o que são as casas de Grigny e St. Geneviève ?

São "cités transit" (casas provisórias) destinadas aos habitantes saídos dos bidonvilles, mas onde as pessoas só são admitidas de um a dois anos para depois serem realojadas nos HLM (espécie de casas económicas). Mas os portugueses só souberam que casas eram depois de lá estarem. Estavam convencidos que iam para casas definitivas e afinal é mais um remedeio.

Como nos dizia uma família em Grigny : "CLARO QUE O QUE A GENTE QUER É SAIR DAS BARRACAS. O QUE NÃO ESTÁ CERTO É QUE NOS MANDEM PARA ESTAS CASAS SEM A GENTE SABER PARA O QUE VEM."

Quando os portugueses souberam que havia 100 casas em construção destinadas aos trabalhadores emigrados das barracas de Massy e que em Grigny ou St. Geneviève as casas eram provisórias, decidiram-se a resistir e a exigir casas na região de Massy.

E porquê ?

Para os portugueses que trabalham em Massy e que são obrigados a partir para Grigny, há duas soluções : ou sujeitam-se

a três horas de transportes por dia e 80 francos de despesas por mes, ou então tem de abandonar o emprego em Massy e procurar trabalho nas obras em Grigny. Para isso perdem no salário e passam para uma profissão inferior na carta de trabalho. (Por exemplo um maçon que ganhava 1.500 francos novos por mês em Massy, arranja trabalho como "terrassier" a ganhar 1.000 francos por mês, fazendo 60 horas por semana).

Os trabalhadores portugueses que trabalham na equipa da noite perdem o trabalho porque não há transportes depois das 8 horas da noite entre Massy e Grigny. Para as mulheres portuguesas que trabalham muitas delas no "grande ensemble" não encontram horas de "ménage" para fazer em Grigny.

Estas razões levaram os portugueses a protestar e fizeram uma manifestação junto à Mairie. Foi no dia 26 de Janeiro de 1971, às 6 da tarde 150 manifestantes (portugueses do bidonville e franceses), entraram na Mairie e uma delegação reuniu-se com o sr. Willay, adjunto do Maire e, durante mais de uma hora, discutiram sobre os problemas do bidonville.

No final da reunião, o sr. Willay comprometeu-se por escrito a realojar os portugueses do bidonville em Massy.

Numa carta assinada e com o carimbo da Mairie, o sr. Willay escreveu :

AVISO À POPULAÇÃO DO BIDONVILLE DA ROUTE DE CHILLY.

1. Durante a estação de mau tempo, não serão destruídas barracas pelo buldozer.
2. Desde que o tempo permita, os caminhos do bidonville serão arrançados.
3. Nenhuma pressão será feita sobre as famílias que queiram ser realojadas em Massy, onde serão alojadas em HLM (habitações de aluguer moderado) que lhes são reservados. Por esta razão, estas famílias têm direito de continuar no bidonville esperando serem realojadas.

O adjunto-delegado WILLAY

Os portugueses exigiram que esta carta fosse afixada pela Câmara no bidonville, como foi feito

A UNIÃO FAZ A FORÇA

Hoje os portugueses já não estão sós. A população francesa de Massy foi informada das decisões da Mairie através duma distribuição de panfletos em francês. Os jornais franceses têm falado no assunto. As organizações sociais francesas também já estão ao corrente.

Portanto, o que é preciso é que a união dos trabalhadores portugueses do bidonville se mantenha. Foi essa união que permitiu que os trabalhadores portugueses levassem a Mairie a comprometer-se a realojá-los e tem sido essa união que permitiu que nos domingos 21 e 28 de fevereiro todos em conjunto construíssem parte de algumas barracas habitadas que o buldozer tinha destruído, e arranjassem algumas ruas do bairro.

LÊ E ASSINA
"JORNAL DO EMIGRANTE"



Massy: alojamentos para quem?

É preciso pois, que continuem unidos e que todos, sem excepção, sejam alojados nas casas que estão a ser construídas, que aliás o são com o dinheiro dos emigrantes, isto é, o dinheiro do F.A.S. (Fundo de Acção Social). (1).

OS PORTUGUESES EM GRIGNY

Hoje, os portugueses que foram para Grigny et St. Geneviève têm consciência que foram enganados porque a Mairie dizendo-lhes que seriam realojados decentemente os meteu em casas provisórias e daqui por um ou dois anos terão de andar outra vez com a casa às costas.

Muitos deles nos disseram que estão dispostos a ir à Mairie de Massy e exigir que sejam realojados nos HLM de Massy e que os considerem como prioritários.

"NÓS VIEMOS PARA AQUI FORÇADOS, POR ISSO ACHAMOS QUE A MAIRIE TEM POR OBRIGAÇÃO EM ACEITAR-NOS NAS CASAS EM MASSY". Um outro português disse-nos : "O QUE DEVEMOS DIZER NA MAIRIE É QUE ELES ESCREVAM UM PAPEL A COMPROMETER-SE COM O POVO QUE TEVE DE VIR PARA St. GENEVIÈVE".

J. B.

- (1) - Os fundos de FAS provêm da diferença de abono de família pago aos trabalhadores emigrados com filhos no seu país de origem e o abono de família que receberiam se tivessem os filhos em França. Por exemplo, um português com dois filhos em França, recebe 92,86 francos ; em Portugal recebe 38,64 francos ; quer dizer que a diferença 54,22 Francos vai para o FAS. É com este dinheiro que são construídos foyers, para trabalhadores estrangeiros, contribui para a construção de casas para as famílias dos emigrantes, paga as emissões que às 6 e meia da manhã são destinadas aos emigrantes (em italiano, português e espanhol), etc...

Este é o teu Jornal
Dá-nos a tua opinião
Escreve-nos para
3, Rue Récamier - PARIS-7^e

EMIGRANTE

NÃO SE EMIGRA PORQUE SE QUER

Será que nós emigrantes já pensámos alguma vez a sério nas razões pelas quais nos encontramos hoje fora de Portugal?

Se hoje nos encontramos algures na França, na Bélgica, na Holanda ou na Alemanha, enfim algures pelos cinco continentes do mundo, isso será concerteza porque não encontramos no nosso país o que evidentemente devemos exigir como mínimo indispensável à nossa existência como seres humanos LIVRES e iguais em direitos.

Lembramos que somos um povo que desde há séculos precisamos de justiça, liberdade, paz, pão e trabalho.

Mas então, companheiros deste exílio mais ou menos forçado, será que na emigração encontramos isto que precisamos e temos direito? Não, todos nós sabemos que não. Todos sabemos das dificuldades em que a maioria de nós por cá vivemos.

Mas não poderíamos nós ter em Portugal tudo isto que procuramos e ainda não encontramos?

Estamos certos que sim, pois o nosso país é rico e tem uma beleza quase sem par,

mas não é um país onde haja justiça, liberdade, paz e pão para todos, porque o nosso País é propriedade dum punhado de privilegiados nacionais e estrangeiros que nunca fizeram senão roubar-nos e sacrificar-nos a todos em seu benefício.

E então, porque é que assim tem sido e continua a ser?

Porque nós, emigrantes e todo o povo português, ainda não soubemos querer de uma vez por todas pôr fim ao poder dos vampiros que nos sugam o sangue.

Tu, emigrante, que recusaste combater contra a luta que os povos das colónias travam pela sua libertação e contra os teus próprios interesses, no nome de uma falsa Pátria que não é senão os interesses daqueles mesmos vampiros.

E tu também, emigrante, aquele que te viste obrigado a sair do País porque te faltava o pão.

Companheiros, unamo-nos para abater o explorador insaciável e assassino, se queremos então ser um povo livre e ter uma Pátria nossa.

VIRGÍLIO

NOTÍCIAS da EMIGRAÇÃO

MONTREUIL - 20 de Fevereiro

Num atelier das "Alliages d'Etain et dérivés", uma explosão matou um operário português, Joaquim Batista, de 26 anos. O irmão, que trabalhava na mesma empresa, foi para o hospital devido à comoção provocada pela morte do seu irmão.

Segundo nos foi dito por um colega de trabalho do Batista, "as condições de trabalho são bastante deficientes e os trabalhadores estrangeiros são normalmente as primeiras vítimas".

ESSONE - 28 de Janeiro de 1971

Um bebé, filho de Portugueses, com 3 meses e meio, foi morto pelos ratos na barraca onde vivia.

Enquanto o pai tinha partido para trabalho e a mãe fazer limpezas, a criança ficou sózinha, sendo uma vizinha encarregada de vigiar de tempos a tempos. Levado ao hospital os médicos nada puderam fazer.

As condições de habitação, as condições impostas aos trabalhadores emigrados, são as causas directas da morte da criança de 3 meses. A revolta hoje sentida pelos pais é a revolta justa dos trabalhadores contra a exploração do homem pelo homem.

DAX - 29 de Janeiro

Uma pequena camioneta que transportava 11 pessoas chocou contra um camião-cisterna que se incendiou imediatamente. 10 mortos carbonizados. A camioneta transportava trabalhadores para o Luxemburgo. Apenas uma rapariga de 10 anos foi possível tirar do braseiro e ficou bastante queimada.

A "miragem" do estrangeiro onde os trabalhadores portugueses vêm procurar o futuro que lhes negaram na sua terra, é a razão principal deste acidente. Um vizinho das vítimas disse-nos que "foi o destino". Mas destino aqui chama-se miséria. É a vida imposta às massas trabalhadoras portuguesas que as obriga a saírem para o estrangeiro.

JORNAL do EMIGRANTE AO VOSSO SERVIÇO Abono de Família

1) O trabalhador português beneficia do abono de família pelos filhos a seu cargo, menores de 15 anos (a partir do 2º filho) que residam em Portugal.

2) A partir de 1 de Março de 1965, o abono foi alargado de 2 para 6 anos.

3) Pelo Acordo Complementar passaram igualmente a beneficiar do abono de família os trabalhadores portugueses ocupados na agricultura em França, pelos seus descendentes em Portugal.

4) O prazo de concessão para os trabalhadores agrícolas é igualmente de 6 anos a contar da primeira entrada em França, com efeito a partir de 1 de Março de 1965.

5) O trabalhador deve dirigir-se à Caixa de Abono de Família francesa do lugar de trabalho (CAISSE D'ALLOCATIONS FAMILIALES) e pedir os impressos SE. 39. 100 (atestado relativo às provas de parentesco) e SE. 39. 101 (requisição de abono de família) sem os quais, não poderá beneficiar daquele subsídio.

Em caso de dúvida, dirigir-se directamente ao organismo de ligação português - Caixa Central de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes - em Lisboa, Avenida de Berna, nº 13 - 2º.

6) O atestado relativo às provas de parentesco (impresso SE. 39. 100) deverá ser obrigatoriamente autenticado pelas autoridades administrativas portuguesas, isto é,

pelas Juntas de Freguesia DO LUGAR ONDE RESIDEM OS FAMILIARES DO TRABALHADOR, ou então pela própria Caixa Central.

7) Não esquecer que é necessário escrever DE MODO BEM LEGÍVEL E EM MAIÚSCULAS os nomes e moradas completos, quer do trabalhador quer dos seus familiares.

8) Também a partir de 1 de Março de 1965, as Caixas francesas passaram a pagar o abono com base na seguinte tabela:

- por 2 descendentes
	35 francos
- por cada descendente a partir do 3º...	
	18 francos

9) No caso de mudar de lugar de trabalho, o trabalhador deve SEMPRE apresentar novos documentos na nova Caixa de abono de família a fim de beneficiar daquele subsídio.

10) Da mesma forma o trabalhador deverá sempre participar à sua Caixa a mudança de residência.

11) O trabalhador deve igualmente enviar mensalmente à Caixa os boletins de presença (BULLETINS DE PRÉSENCE) para verificação dos direitos ao abono de família.

12) O trabalhador só terá direito ao abono de família desde que tenha completado 120 horas ou 18 dias de trabalho mensais.

CANTINHO DO LEITOR

TRABALHADOR:

Nós estamos ao teu serviço. Somos trabalhadores como tu, mesmo se alguns de nós até passaram pelos liceus ou universidades. Como tu, sabemos o que custa arranjar uma carta de trabalho, tratar dos abonos dos filhos ou dos problemas da segurança (Securité Social).

Assim como a Liga Portuguesa, esta jornal é nosso, quer dizer, é um jornal que pertence a todos os trabalhadores e que está ao seu serviço. E porquê? Porque nós pensamos que não devemos contar nem com os senhores doutores, nem com os patrões para resolverem os nossos assuntos; e que se não formos nós a fazê-lo, eles só tentarão aproveitar-se do nosso desconhecimento lá das leis que eles fizeram, para ainda nos arranjam mais sarilhos. Mas nós também pensamos que se for cada um a resolver os seus problemas sózinho tem sempre muito mais dificuldades do que se nos ajudarmos uns aos outros. E já que não podemos contar nem com os senhores doutores, nem muito menos com os nossos patrões achamos que nada mais nos resta do que fazer a coisa entre nós. Isto não quer dizer que fiquemos prejudicados, antes pelo contrário: nós, os trabalhadores, já provamos que podemos viver sem os patrões, mas eles é que nunca provaram que podiam viver sem nós.

Pois bem, O CANTINHO DO LEITOR, será uma porta sempre aberta onde todos poderão bater logo que necessitem dum ajuda ou dum conselho. Nós procuraremos sempre dar uma resposta a todos os problemas que nos surjam, e fá-lo-emos sempre que possível através do jornal. Mas não nos deixem de escrever com medo que a vossa carta possa ser publicada: basta que nos digam que não querem que se publique, que nós não o faremos, e nesse caso responder-lhe-emos pessoalmente. Contamos convosco, cá esperamos as vossas cartas, no desejo de vos provar que também podem contar connosco.

E NÃO SE ESQUEÇAM:

NOS NÃO SOMOS Srs. DOUTORES. NADA DE MISTÉRIOS. TODOS OS PROBLEMAS PODEM SER TRATADOS.

PEDRO

A L.P.E.C.P.: um meio de trabalho

CONTINUAÇÃO DA 1ª PÁGINA

preocupava de perguntar às massas o que pensavam sobre isso e, muito menos, chamá-las a decidir.

A outra lista defendia a ideia de que todas as pessoas deviam ser chamadas a colaborar, a dar as suas sugestões, a participar nas discussões, a intervir na organização e realização de tudo o que se viesse a fazer. As massas cabendo a decisão sobre a escolha das sugestões e as realizações a pôr em marcha.

Uma das listas intitulava-se operária. E com isso queria garantir que era pelos interesses reais dos operários.

A outra lista não se intitulava nada. Porque sabia que um rótulo não garante nada. E porque é preciso que as massas se libertem dos rótulos. São as ideias que se defendem e o comportamento que se tem que mostram quem é operário e quem não é, quem está pelos interesses dos operários, da classe operária, e quem não está. Por isso às massas decidir por si a lista mais de acordo com os seus verdadeiros interesses, a lista realmente operária, guiando-se para a sua escolha, não por rótulos, mas pela observação das ideias e da conduta de uns e de outros, de uma e de outra lista.

UMA EXPERIÊNCIA, UM RESULTADO

A lista vencedora foi a segunda, a sem rótulo, a que não excluía colaborações, mesmo dos que a ela se opunham, a que não tinha programa acabado, porque às massas a tarefa, o direito e a necessidade de o acabar, a que tinha ideias, que considerava a favor dos trabalhadores, mas que deixava às massas a decisão sobre isso.

Julgamos que a decisão da Assembleia Geral não aconteceu por acaso e que não é desprovida de significado. Pelo menos, a larga margem de votos que a lista vencedora obteve sobre a outra, quase o dobro. Além disso, o futuro virá dizer mais alguma coisa sobre esta questão. Ele virá confirmar, ou negar, o resultado presente. E se nesta altura a participação de operários foi muito menor do que é desejo de todos venha a ser, esperamos que no futuro a grande maioria dos participantes seja constituída por operários. Para tal deverão ser desenvolvidos todos os esforços. E o primeiro e mais importante é chamar os trabalhadores a inscrever-se na Liga. Não para pagarem uma cota e receberem em contrapartida as maravilhosas ideias e directrizes dos que são considerados dirigentes. Mas para poderem exercer o mais legítimo e indispensável direito que é o de mandarem numa associação que diz ter como preocupação fundamental cuidar dos seus interesses e a eles se dirigir. Mandarem, decidindo sobre a orientação a seguir; mandarem, decidindo sobre os programas e o trabalho a realizar; mandarem, vigiando e controlando as pessoas escolhidas para dirigentes; mandarem, rejeitando dirigentes logo que o mereçam e escolhendo outros que os substituam.

Mais ainda. Chamar os trabalhadores a tratarem eles próprios já hoje das suas iniciativas, a reunirem-se e a organizarem-se para esse efeito, a promoverem as suas realizações sem esperarem que alguém as promova por eles.

Em Novembro do ano que findou, realizou-se na Liga uma assembleia com a presença de 59 pessoas, número jamais atingido. Em 31 de Janeiro do ano corrente, realizou-se a Assembleia Geral, para a eleição da nova Direcção, com à volta de 160 pessoas! Todas devidamente inscritas como sócios e com a sua cota paga.

Explicação para isto? A nosso ver, a principal razão está em se ter finalmen-

te começado a pôr em prática uma autêntica e sincera determinação de acabar com os exclusivos dos grupos ou dos caciques dirigentes. Em se mostrar, por uma prática e atitude coerentes, que quem quer apresentar-se como defensor das massas deve começar por aceitar a decisão das massas, que é coisa completamente diferente de um grupo ou de uma pessoa. E que a forma de levar as massas a adoptar uma orientação que acaso se considere a mais justa, não é a de evitar a intervenção e a decisão das massas, mas, pelo contrário, promover essa intervenção e decisão. **De uma vez por todas: dirigentes que não são ao mesmo tempo dirigidos, controlados, dirigentes que dirigem de costas para as massas, em cima das massas e à custa das massas, não são dirigentes operários e populares, não são dirigentes no mais justo sentido do termo - são padres, e aqui padres no pior sentido da palavra: pastores de carneiros.** Fazem carneiros, fazem escravos; não homens capazes de descobrirem por si, de verem por si e de desbravarem e seguirem por si o caminho da sua libertação. Promovem a perpetuação do servilismo, da escravatura e da sujeição de uns homens a outros, embora em nome da libertação, não a transformação radical do mundo actual, com o fim da servidão e o advento da libertação das massas trabalhadoras e populares.

UM GRANDE MOVIMENTO DE MASSAS ACTIVAS.

Perante a apatia, o desprestígio e o desinteresse em que tinha caído a Liga, o ter-se conseguido em tão curto espaço de tempo aquele resultado permite-nos esta conclusão: as ideias que nortearam a comissão que promoveu a reanimação da Liga e que foram tomadas pela Direcção eleita parecem ser certas, havendo que aplicá-las cada vez com mais firmeza, levando-as o mais longe possível; se conseguimos assim atingir uma largueza até agora não verificada, não seremos demasiado optimista se pensarmos que, mantendo-nos fiéis ao tipo de trabalho até agora realizado, poderemos transformar a Liga num amplo movimento de massas.

Não um movimento de massas onde as pessoas sejam arrebanhadas atrás destes ou daqueles pastores. Um movimento de massas activas. Quer dizer, onde, se não todas as pessoas, pelo menos um grande número delas, faça ouvir a sua voz, faça pensar as suas ideias, intervenha nas decisões.

E precisamos, com igual senão maior importância e urgência, organizar e fomentar a criação de clubes locais, nos bairros de Paris e sobretudo na banlieu. Sem estes clubes locais haverá uma imensa quantidade de pessoas que ficarão alheias ao trabalho associativo e de consciencialização válida sobre o seus problemas actuais e futuros.

A fase que estamos a viver é de crise. Mas uma crise que vem por bem. Uma crise de crescimento. Há muita gente a querer trabalhar, e sem saber onde, como, com quem.

Se formos capazes de organizar este caudal que agora começa a brotar em cachão, não tenhamos dúvidas que a pouco mais de centena e meia de pessoas concentradas na assembleia de 31 de Janeiro se transformará em centenas e mesmo milhares.

O QUE JÁ ESTAMOS A FAZER

Criaram-se grupos de arranque de diversas secções: Jornal (Jornal do Emigrante), Social, com quatro sub-secções: Permanências, Alfabetização, Infantil, Acolhimento aos jovens emigrados, Canções e espectáculos, Teatro, Cinema.

Estão ainda por criar equipas de arranque para outras actividades que consideramos de importância: Conferências/debates, Biblioteca, Publicações especiais sobre problemas da realidade portuguesa no país ou no estrangeiro.

É evidente que nenhuma destas equipas criadas ou a criar se considerarão fechadas. Elas permanecerão abertas a todos os que nelas queiram trabalhar de modo regular e efectivo. Na aplicação desta ideia, a Direcção convocou para 28 de Fevereiro uma reunião com a finalidade de a recolher sugestões para o trabalho e actividades a desenvolver, assim como a oferta de colaborações.

Quanto a clubes locais, alguns já se encontram organizados ou em vias de organização. É intenção da Direcção passar a dar o maior impulso a este aspecto do nosso trabalho. Os clubes poderão vir a ser valiosos centros locais de actividades múltiplas, entre elas, recreativas-formativas (onde as pessoas não se limitem a matar o tempo ou a esquecer as amarguras da vida, mas aproveitem para se enriquecerem do ponto de vista da sua consciencialização), sociais, e, sobretudo, culturais (no sentido em que tomamos cultura: saber para transformar, conhecer a realidade para a transformar e revolucionar).

O facto de falarmos na criação de clubes da Liga e de lhe atribuirmos a maior importância não significa que consideremos desprezáveis os que já existem. Pelo contrário. Julgamos que, venham a ser considerados ou não clubes da Liga, deve existir uma regular e útil colaboração entre a Liga e eles.

Aliás, a Direcção da Liga deve preocupar-se mais em coordenar, fomentar e oferecer facilidades de trabalho a todos os que queiram trabalhar, e procurar que as actividades realizadas sejam o mais possível no sentido de uma válida consciencialização das massas trabalhadoras e populares, do que tratar de se substituir a toda a gente.

Durante as últimas dezenas de anos, certas correntes de natureza sindical e política - as que a partir de determinada fase passaram a predominar e que ainda hoje, até certo ponto, predominam -, em nome de belos ideais têm espezinhado esses mesmos ideais. Um deles é o da libertação das massas pelas massas. Em vez de promoverem a consciencialização ampla, profunda, livre e autêntica, das massas, forneceram-lhes as receitas das suas conveniências. Em vez de movimentos onde dirigentes e dirigidos, elementos destacados e massas, formassem um todo, partes inseparáveis e igualmente activas e intervenientes, fomentaram a ignorância, a passividade e a apatia, senão o temor, das massas, a fim de melhor procederem às suas manobras e ao abandono dos mais reais e profundos interesses do povo.

Nós já provamos um pouco, e havemos de prová-lo de modo a varrer esses embustes para o caixote das coisas ordinárias, que toda a chamada libertação das massas sem a intervenção consciente e activa destas não é senão uma nova servidão. E que pondo de lado as mesquinhas ditadurinhas de grupo se poderá libertar já hoje um movimento que não representa senão as primeiras labaredas dum vulcão.

A DIRECÇÃO DA L. P. E. C. P.

**Este é o teu Jornal
Dá-nos a tua opinião
Escreve-nos para
3, Rue Récamier - PARIS-7^e**

A Guerra Colonial

QUANTOS SOLDADOS TÊM AS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS ?

É uma pergunta que talvez muitos trabalhadores já tenham feito. E com razão : não somos nós a maioria dos que estão na tropa e a quem mandam fazer a guerra em África ?

Pelos números que vimos abaixo, pode ver-se o esforço feito pelo governo em 10 anos para mobilizar jovens trabalhadores para a tropa devido à guerra colonial em África.

1960	1970
Exército 58.000 soldados	Exército 150.000 soldados
Aviação 12.500 "	Aviação 17.500 "
Marinha 8.000 "	Marinha 15.000 "
	Fuzileiros
	navais . 2.500 "
TOTAL 78.500 soldados	TOTAL 185.000 soldados

Nas colónias de África estão agora MAIS DE 100 MIL soldados portugueses. Isto quer dizer que só nas colónias há hoje mais soldados do que havia em 1960 nas Forças Armadas inteiras-

E outra coisa ainda : nestes 10 anos de guerra, o exército português já perdeu 5 MIL soldados. Isto quer dizer que já perdeu 8 vezes mais soldados do que os Americanos no Vietname, em relação ao número de tropas em combate.

R. R.

RELATÓRIO DA ONU

Sobre o ataque feito por tropas portuguesas à República da Guiné, em Novembro do ano passado há interesse em conhecer o relatório levado a cabo pela Comissão de Inquérito da ONU.

Este relatório, apesar de nele colaborarem diplomatas pouco suspeitos de apoiarem a República da Guiné, não apareceu nos jornais portugueses por ter sido proibido.

"Uma visão geral dos acontecimentos de 22 e 23 de novembro 1970, destaca-se das informações recolhidas e das observações levadas a cabo pela missão especial durante a sua visita à Guiné.

Durante a madrugada de 21 para 22 de Novembro, apareceu uma força naval ao largo da costa de Conakry. Compunha-se de dois transportes de tropas que, segundo informações recolhidas, eram do tipo designado por LST durante a segunda guerra mundial, assim como três ou quatro lanchas-patrolha mais pequenas.

Ao amanhecer do dia 22 de Novembro, as tropas foram conduzidas a terra a bordo de vários barcos a motor. Os efectivos da força de invasão parece terem-se elevado a 300 ou 400 homens. Trajavam uniformes parecidos aos que utiliza o exército da República da Guiné, sem insígnias, à excepção de braçadeiras verdes. Estavam equipados com armas de infantaria, incluindo bazucas e morteiros.

A força dividiu-se em vários grupos. Alguns destes grupos destinavam-se a pontos estratégicos, situados em Conakry, especialmente acampamentos militares, o aeroporto e a central eléctrica. Um dos grupos destruiu a residência de Verão do presidente da República da Guiné, enquanto outro tentou em vão tomar de assalto o palácio presidencial. Também foi atacada a sede do PAIGC. Os invasores ocuparam um acampamento do exército onde estavam detidos Guineenses por actividades antigovernamentais, assim como Portugueses feitos prisioneiros em combates contra o PAIGC ; os prisioneiros foram libertos e

guineenses, foram aparentemente conduzidos aos navios. Viu-se os barcos a motor fazerem frequentes viagens entre os transportes de tropas e a costa.

Os combates prosseguiram em diversos pontos da cidade até à manhã do dia 23 de Novembro, após o que os assaltantes regressaram aos navios e partiram. A Missão especial não conhece o número exacto de vítimas. Segundo as autoridades guineenses, mais de cem assaltantes foram presos.

Parece que a operação foi bem preparada e foi executada com competência e precisão. O seu desenrolar deixa supor quais teriam sido os seus fins e os seus objectivos. O facto de que a residência do presidente da República da Guiné tenha sido atacada e que tenham sido libertados prisioneiros guineenses, vem confirmar as declarações do governo da República da Guiné que disseram que estavam convencidos que o ataque visava especialmente derrubar o governo e a substituí-lo por elementos dissidentes. Parece que ela tinha também por objectivo atacar os dirigentes e a sede do PAIGC, a fim de enfraquecer o movimento de libertação. Ela visava, por outro lado e com toda a clareza, libertar os prisioneiros portugueses.

No que respeita à própria origem da invasão, o facto de terem sido utilizados navios de guerra levava a crer que uma potência exterior estava em causa. Não havia dúvidas para os representantes do governo da República da Guiné, que se tratava de Portugal, o que veio a ser confirmado pelas informações de outras fontes, especialmente as declarações dos prisioneiros interrogados pela missão especial, os relatos dos observadores independentes que foram testemunhas visuais do ataque, assim como diversas provas materiais.

Após ter analisado de maneira bastante atenta, todos os dados que recolheu, relativamente ao ataque armado vindo do mar contra a República da Guiné e feito por forças exteriores, a missão especial formou atentamente a seguinte opinião :

DEZ COMBATENTES ANTICOLONIALISTAS EM JULGAMENTO

Presos já há bastante tempo pela DGS/PIDE, foram agora levados a julgamento :

ALVARO JOSÉ SEQUEIRA SANTOS, angolano ; RAUL JORGE LOPES FEIO, angolano ; JOSÉ ILÍDIO COELHO DA CRUZ, cabo-verdiano ; MARIA JOSÉ PINTO COELHO, portuguesa ; DIANA DIAS ANDRINGA, angolana ; ANTÓNIO MANUEL GARCIA NETO, angolano ; RUI FILIPE MARTINS RAMOS, angolano ; ANTÓNIO JOSÉ FERREIRA NETO, angolano ; FERNANDO EMILIO PEREIRA DE ANDRADE, angolano ; padre JOAQUIM PINTO DE ANDRADE, angolano.

A maioria têm estado na DGS/PIDE desde há um ano. Há ainda 70 combatentes anticolonialistas presos sem julgamento no Tarrafal e em S. Nicolau (no deserto de Moçamedes) e um total de 2.900 prisioneiros neste campo de concentração.

a força de invasão até às águas guineenses tinham uma equipagem composta de elementos, na maioria brancos, das forças armadas portuguesas e eram comandados por oficiais portugueses brancos;

b) a força de invasão compunha-se de unidades das forças armadas portuguesas, incluindo especialmente tropas africanas vindas da Guiné-Bissau, colocadas sob o comando de oficiais portugueses brancos das forças armadas regulares, assim como um contingente composto de Guineenses dissidentes, treinados e armados no território da Guiné-Bissau.

Tanto quanto pôde ser apurado pela missão especial, a força de invasão foi agrupada na Guiné-Bissau. A invasão do território da República da Guiné teve lugar nos dias 22 e 23 de Novembro, foi efectuada por unidades navais e militares das forças armadas portuguesas, agindo conjuntamente com elementos dissidentes guineenses

colabora connosco

todos têm algo a dizer
e a fazer:

JORNAL DO EMIGRANTE
CURSOS DE ALFABETIZAÇÃO
INFORMAÇÕES
CINEMA
TEATRO

ESTAS SECÇÕES JÁ ESTÃO A FUNCIONAR
MAS PRECISAMOS DE MAIS COLABORADORES

TODOS PODEM COLABORAR

ESCREVE-NOS

PARA 3, RUE RÉCAMIER - PARIS 7E

Reunião de Colaboradores

No dia 28 de Fevereiro, realizou-se na sede da Liga uma reunião, promovida pela Direcção, com a finalidade de obter sugestões e colaborações para as actividades a desenvolver.

A reunião decorreu, de uma forma geral, com a intervenção de grande número dos presentes. Como resultado final, a Direcção pôde recolher cinco novas sugestões de actividades e a oferta de 29 novos colaboradores já integrados nas equipas da Liga, antes desta reunião de 28 de Fevereiro, podemos considerar bastante bom este resultado.

Outras reuniões como esta se realizarão, quando necessário, especialmente na banlieu de Paris, a fim de permitir a mais fácil comparência de um grande número de pessoas que por uma razão ou por outra não se desloca com facilidade à actual sede.

No entanto, importa frisar que o apelo à colaboração é um apelo permanente. **TODOS TÊM ALGO A DIZER E A FAZER**
A Direcção da Liga

INSCREVE-TE COMO SÓCIO DA LIGA PORTUGUESA

melhor estarás a par da nossa vida associativa, darás a tua colaboração no nosso trabalho colectivo, intervirás nas decisões que se tomam.

Fala com um colaborador da Liga ou escreve-nos para 3, rue Récamier Paris 7e.

TODOS TERÃO ALGO A DIZER E A FAZER

**JORNAL DE
TRABALHADORES
para trabalhadores**

LÊ E ASSINA

**jornal do
Emigrante**

COMO RECEBER O JORNAL

«JORNAL DO EMIGRANTE» vende-se nos quiosques, à mão, nos « marchés » e nos bairros onde habitam portugueses.

MAS TU PODES, DESDE JÁ, PAGAR UMA ASSINATURA e receberás, assim, todos os meses O TEU JORNAL EM CASA.

Preço de cada número 1 F
Assinatura anual 10 F.

NOME

MORADA

DESEJO RECEBER «JORNAL DO EMIGRANTE»
PEÇO QUE ME ENVIEM UN VALE JÁ PREENCHIDO PARA O PAGAMENTO DA ASSINATURA.

Envia este Boletim a « JORNAL DO EMIGRANTE » 3 rue Recamier - Paris 7.

LEITOR E AMIGO

Estimado leitor, amigo e camarada, como vês, sou um pequeno jornal para te servir, aqui ou noutra parte do mundo onde houver emigração portuguesa. Mal nasci houve quem me quisesse matar por eu dizer só verdades e dar-te todas as informações sociais de que tu necessitas, para não seres roubado descaradamente por certas pessoas bastante duvidosas.

Se necessitares de qualquer informação, estou sempre à tua espera mas desinteressadamente. Nós somos operários, como tu também somos vítimas desses parasitas, mas a nossa experiência de lutas pelo bem-estar de todos os Portugueses que partem do país que os viu nascer mas onde nem todos têm PÃO para comer, levou-nos a juntar todas as nossas forças e ideias para derrotarmos os nossos inimigos e fazer reaparecer o verdadeiro número 8 do Jornal do Emigrante.

Mas agora peço-te leitor e amigo, que tragas mais um NOVO LEITOR porque eu quero ser mais crescido para te poder dizer todas verdades que se vão passando aqui e em PORTUGAL.

NOTA DA REDACÇÃO

Com este número do "JORNAL DO EMIGRANTE", retoma-se a publicação do jornal que desde sempre foi propriedade da Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular.

Isto é um facto, que só pessoas mal intencionadas ou mal informadas poderão pôr em dúvida.

Quanto às primeiras, consideramos desnecessário entrar em polémica. Quanto às segundas, convidamo-las a informar-se e, nessa base, formarem a sua opinião.

Não negamos a ninguém o direito de criar os jornais que entender. Pensamos até que é uma actividade útil, se contribuir para a consciencialização das massas populares.

Agora o que negamos e rejeitamos categoricamente é que quem quer que seja se aproprie do que não lhe pertence e se sirva para os seus interesses pessoais do nome dum jornal que pertence a uma associação, a L.P.C.P., e não a um indivíduo, embora tenha si do seu director.

Esta é uma posição que nos é ditada, não por interesses ou rivalidades pessoais, mas sim pelos interesses e pelo bom funcionamento da associação a que pertencemos.

A Redacção do
"JORNAL DO EMIGRANTE"



**Jornal do Emigrante
vende-se
nos quiosques**

ELES RECUSAM A GUERRA!

ARGÉLIA - 9 DE JANEIRO DE 1971

Vindos da Guiné, dita portuguesa, foram entregues à Cruz Vermelha Argelina quatro Portugueses, desertores da guerra colonial da Guiné.

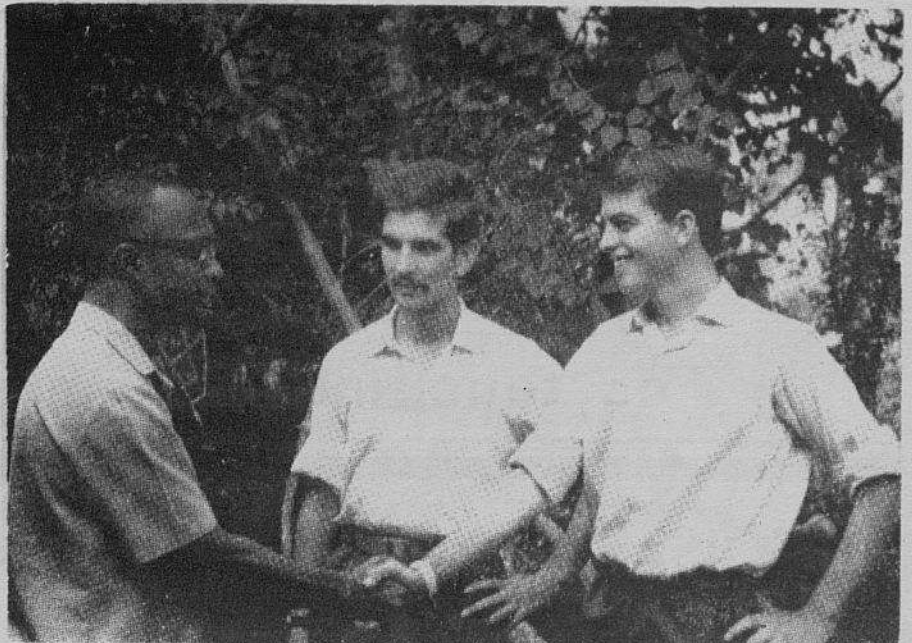
Trata-se de JAIME VASCONCELOS, 1º cabo nº 007511/68, 22 anos, mecânico de Lisboa, e serviu no Regimento de Cavalaria nº 3, estando na Guiné de 23 de Fevereiro de 1969 até 24 de Junho de 1970, data em que desertou.

JOÃO TAVARES SARAIVA, soldado nº 002376/70, natural de Manteigas, electricista. Partiu para a Guiné a 11 de Julho de 1970 e desertou a 5 de Outubro.

JOSÉ TEIXEIRA, soldado nº 043033/70 natural de Coregueida, Vila Real, empregado de café. Como o João Saraiva, o Teixeira tinha partido para a Guiné no "Carvalho Araújo" a 11/7/70, esteve no campo Pirada donde desertou a 5 de Outubro.

MANUEL GOMES MIRANDA, 1º cãbo nº 084929/66, 25 anos, casado, comum filho, natural de Amarante e barbeiro de profissão. Partiu para a Guiné no "Uíge" a 15 de Novembro de 1969 e desertou a 6 de Setembro de 1970.

Estas são mais quatro deserções. Elas são a prova clara da recusa à guerra. Os jovens Portugueses, cada vez mais numerosos, desertam e recusam participar numa guerra onde são defendidos os interesses dos ricos portugueses e estrangeiros e na qual os trabalhadores apenas servem de carne para canhão.



Dois soldados, Manuel Vaz e Fernando Fontes, desertores do exército colonial português são cordialmente recebidos por Amilcar Cabral dirigente do P.A.I.G.C. (Partido Africano para a Independência da Guiné e das ilhas de Cabo Verde)

PROIBIDA NO CONCELHO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO A PROPAGANDA DO TABACO

O Município de Vila Real de Santo António, por intermédio de um dos seus vereadores, acaba de dar um passo em frente na luta contra o tabagismo.

Foi o excelentíssimo sr. Acácio Madeira Pinto que propôs que se proibisse em toda a vila qualquer publicidade relativa ao tabaco.

Como não podia deixar de ser esta proposta foi imediatamente aprovada, o que veio mostrar como esta vila caminha a passos largos para o modernismo.

Deixam-se em suspenso problemas graves que afectam as classes trabalhadoras, como por exemplo o caso da barra, da mesma vila, que tem sido um dos travões a impedir a ascensão da classe operária para as oprimir ainda mais, para, por snobismo e de falta de respeito pelo povo, imediatamente ser aprovada uma proposta ridícula, que em nada vem beneficiar os interesses da classe trabalhadora.

Era bom que os "digníssimos senhores" que governam os destinos desta vila, assim como os que governam a nação, se deixassem destas brincadeiras de mau gosto, e virassem os olhos para os problemas concretos com que se enfrentam, deixando de continuar a enganar o povo como até aqui.

J. C.



**JORNAL DE
TRABALHADORES
para trabalhadores**

Continuação da pág. 2

A Comuna de Paris

Com o número dos seus soldados aumentado, o governo de Versalhes vai pôr Paris a ferro e fogo.

21 DE MAIO

Os versalheses entram em Paris. Essas tropas são devolvidas pois os prussianos também não viam com bons olhos os comunardos.

22 A 28 DE MAIO

É a repressão violenta, sem piedade sobre os operários comunardos. Nos bairros populares, como toda a zona de Belleville e do Père Lachaise, luta-se até ao último cartucho. É o fim da Comuna e de todas as coisas novas que ela criara.

O exército de Versalhes, vitorioso, faz toda uma série de violências sobre os prisioneiros indefesos. Centenas e centenas de pessoas são mortas à metralhadora (já as havia) porque assim era mais rápido do que com as espingardas. Algumas delas foram enterradas ainda vivas, pois estavam apenas feridas.

A Comuna operária de Paris, há 100 anos, foi uma experiência falhada. Porém, como todas as lutas do operariado, mesmo as que falham, ela abriu os olhos aos operários para novas lutas. Muitas delas saíram vitoriosas.

No próximo número do "JORNAL DO EMIGRANTE", voltaremos a falar da Comuna e da importância que ela teve em Portugal para o nosso operariado.

ROGÉRIO RIBEIRO

ASSEMBLEIA GERAL DA LIGA PORTUGUESA

DO ENSINO E DA CULTURA POPULAR

Realiza-se no próximo dia 4 de Abril de 1971, uma Assembleia Geral Extraordinária na sede, 3 rue Récamier - Paris 7e, cujas convocatórias serão oportunamente distribuídos a todos os associados.

COBARDE ou NÃO

I

Esta palavra eu não entendo porque me chamam cobarde por não querer morrer de glória em um campo de combate

II

Uma glória sem gosto que nos tira a mocidade e, àqueles que la morrem, à família a felicidade

III

E ao mesmo tempo eu pergunto àqueles que lá vão se alguma vez se interessaram em saber qual a razão

IV

Não fugi a nenhum dever nem a uma obrigação quero somente a liberdade como os outros a libertação

V

Era inteligente na escola mas não pode continuar mas agora dão-me quatro anos para aprender a matar

VI

Esse curso não me interessa porque não quero assassinar quero uma vida tranquila e ao menos o pão ganhar

VII

Assim digo ao senhor presidente se o seu interesse é ganhar pois pege na minha arma e vá fazer o meu lugar.

J. P.

Um trabalhador de Tolouse

**LÊ E ASSINA
"JORNAL DO EMIGRANTE"**

TRABALHADOR

lê - assina - divulga **jornal do Emigrante**

o jornal que defende
os teus interesses

COISAS LÁ DA NOSSA TERRA

QUEM ROUBA A LADRÃO ...

O Castro Rico é um fidalgo. Filho de um padre que fez fortuna no Brasil, vive em Lisboa, só vem ver as quintas de longe a longe. Pelo São Miguel, por exemplo. Tem um automóvel novo cada vez que cá vem. Tem mulheres por conta. Trata toda a gente por tu. Manda.

Come do bom e do melhor. Levanta-se ao meio-dia. É gordo e barrigudo. Para lhe falar é preciso tirar o chapéu e olhar para o chão como na igreja. Ele e o Padre são como unha e carne. Não admira que as gentes

digam que o Padre está no segredo de Deus: Deus é o Castro-Rico. O Castro-Rico é Deus.

Não sei se ele paga melhor ou pior que outros ricos de outros sítios. Aqui toda a gente trabalha para ele. É ele que fixa as jornas. O Castro-Rico é Rei.

Ontem na brincadeira perguntei ao meu garoto o que é que ele queria ser quando fosse grande. Ele, pensando com certeza no Castro-Rico, respondeu-me:

- Quero ser Deus.

Estão a ver que o meu catraio é cheio de ambições. E esperto que é um regalo, não é por ser meu filho, até o professor o diz.

E pena que uma esperteza daquelas fique nesta vida danada, como eu como o meu avô. Não há meio de sair da cepa torta, por mais que me mate a trabalhar. E foi assim a vida toda. A minha única escola foi a enxada. Todos os dias. Desde que me lembro de mim. De sol a sol.

Há dias ouvi na taberna um tipo a dizer que não havia direito de a gente trabalhar um braço para nós, outro para o patrão.

Eu disse-lhe que sempre ouvi dizer que os pobres e ricos sempre os houve, que não há nada a fazer: está na Bíblia.

Ele respondeu-me que essa Bíblia foi o Castro-Rico que a fez. Ou os da sua igualha, dá no mesmo. Para que a gente não sacuda a canga com que eles nos domesticam, como aos bois. Sofrer neste mundo para gozar no outro, até já há alguns padres que não estão de acordo, que se põem do nosso lado contra os "Castro-Ricos".

Eu disse-lhe então que, de qualquer maneira, ele era o dono da terra. Era por isso. Que não havia nada a fazer. Está na Bíblia.

Ele respondeu-me que foi com o trabalho da gente que ele comprou a terra e continua a comprar e é cada vez mais rico. Que a riqueza dele é a nossa fome. Que o Castro-Rico é um ladrão que nos suga a carne e os ossos.

E eu pensei que
Quem rouba a ladrão
Tem cem anos de perdão

Mas que hei-de fazer? Digam-mo lá vocês que estão em França e sabem tudo. Podem escrever-me ao jornal para.

J. M. TACANHO

O ZÉ conta a sua história

